

A LÓGICA, O BÊ-A-BÁ E O PROFESSOR GELLNER *

PAUL FEYERABEND

Universidade de Stanford

É sempre uma surpresa agradável para um autor encontrar um crítico que compreende a sua filosofia, concorda com ela, mostrando-se, além disso, capaz de desenvolvê-la um pouco mais. É ainda mais gratificante encontrar um pensador que não se limita a partilhar simples idéias com o autor, mas também certas idiossincrasias, especialmente quando elas são malquistas e malvistas pelos outros profissionais. Durante anos, Lakatos e eu estivemos sozinhos em nossa tentativa de injetar um pouco de vida, um acento pessoal no debate filosófico. Desde a morte de Imre, não restou ninguém para me apoiar nessa tarefa.

Ora, a resenha do meu livro⁺ publicada neste *Journal*¹ apresenta um autor não apenas disposto a abandonar os caminhos estreitos da prosa e do raciocínio acadêmicos, mas que demonstra grande talento nessa direção, revelando-se um mestre na arte da invectiva, e que aumentou consideravelmente o repertório das técnicas retóricas. Talvez fosse meu dever agradecer o apoio que meus esforços aparentemente receberam de tão inesperada proveniência, abstendo-me, assim, de sondar um pouco mais a fundo. Infelizmente, porém, minha pedantice levou a melhor sobre minha gratidão. Rapidamente descobri que o resenhador, embora escreva bem, de modo algum escreve corretamente. Sua capacidade em dar colorido às próprias idéias e impressões é frustrada por uma surpreendente cegueira para as idéias, motivações e procedimentos dos outros. As suas interpretações do meu texto, ao contrário do que se esperaria de um retórico sofisticado, raramente constituem distorções conscientes; na grande maioria dos casos, trata-se apenas de simples erros de leitura e de compreensão. Na realidade, terminei por descobrir que o que temos aqui não é uma extensão bem planejada da arte da argumentação *retórica*, mas efeitos secundários de uma tentativa abortada de crítica *racional*. Sendo assim, sinto-me impossibilitado, infelizmente, de cumprimentar Gellner pela sua argúcia retórica, vendo-me reduzido à desagradável tarefa de enumerar erros e equívocos banais de compreensão. Nas observações que seguirem, farei o máximo que posso para tornar tal tarefa o menos desagradável possível para mim mesmo e para os

* O original deste artigo foi publicado pela primeira vez no *British Journal for the Philosophy of Science* 26 (1976). pp. 381-391. Especialmente para a tradução brasileira, introduzi [P. K. Feyerabend] substanciais modificações e acréscimos.

⁺ Feyerabend, P. K. 1975: *Against Method*. V. acima, p. 62, nota +. (Nota do tradutor.)

¹ Gellner, E. 1975: "Beyond Truth and Falsehood", *British Journal for the Philosophy of Science* 26, pp. 331-342. [Esse artigo encontra-se traduzido acima às páginas 62-72. As referências do texto de Feyerabend remetem a essa tradução.]

meus leitores. Concentrar-me-ei naqueles pontos que não apenas revelem o tipo de procedimento adotado por Gellner, mas que, além disso, tenham algum interesse geral e cuja discussão, espero, possa resultar em algo mais do que uma mera volta ao texto do qual Gellner partiu.

A resenha de Gellner contém (i) uma apresentação das minhas principais teses e argumentos; (ii) uma crítica do meu estilo e uma avaliação dos seus resultados e (iii) uma análise sociológica do *'happening'* (p. 64) que é o meu livro. Passo agora a examinar sucessivamente esses pontos.

(i) À primeira vista, Gellner parece fornecer uma apresentação razoavelmente precisa do que eu digo, pois as sentenças que ele escreve se assemelham bastante a sentenças que ocorrem em meu livro. Ora, essas sentenças, em meu livro, ou são partes de um contexto que contém qualificações, ou descrevem posições que não defendo. Lidas com essas qualificações ou intenções em mente, elas exprimem corretamente a minha argumentação. Gellner, porém, não considera as qualificações e, ao mesmo tempo, procede como se todas as sentenças do livro enunciassem as minhas próprias opiniões. Assim, a correção *prima facie* da sua leitura esconde alguns erros consideráveis.

Tomemos, por exemplo, a sentença (1) na 'espinha dorsal' segundo Gellner: 'a história efetiva da ciência mostra que os verdadeiros progressos do conhecimento contradizem todas as metodologias disponíveis' (pp. 64-5). Tal afirmação constitui, supostamente, uma tese defendida ou insinuada em meu livro. Segundo Gellner, ela é 'certamente o núcleo a partir do qual brota todo o resto' (p.65). Para um leitor desprevidido, o enunciado sugere (a) que eu pretendo conhecer a verdade de certos fatos e generalizações históricas, (b) que presumo possuir intuições acerca dos problemas — ainda mais difíceis — concernentes ao que constitui um avanço do conhecimento e (c) que eu refuto normas por meio de fatos. E não se trata aqui de uma simples possibilidade abstrata, pois o próprio Gellner me atribui a pretensão (a) (p.70), utiliza essa mesma atribuição para me acusar de incoerência (p.70) e explica minha segurança frente a tal incoerência dizendo que a minha argumentação constitui um 'jogo em que eu não posso perder' (p.70). Ora, se a sentença (1) for interpretada de maneira a implicar logicamente (a), (b) e (c), ela simplesmente não exprime uma tese que eu defenda. Não afirmo que as metodologias falham simplesmente porque são contraditadas pelos fatos; há muito tempo já se mostrou que argumentos desse tipo são de valor discutível. Ao contrário, afirmo que elas malogram porque, se fossem aplicadas nas circunstâncias especificadas nos estudos de caso que investiguei no livro, elas teriam obstruído o progresso. Além disso, não pretendo possuir nenhum conhecimento especial com respeito ao que constitui o progresso (Feyerabend 1975, p. 27); limito-me apenas a tomar algumas indicações dos meus próprios adversários. São *eles* que preferem Galileu a Aristóteles. São *eles* que afirmam que a passagem Aristóteles → Galileu constitui um passo na direção certa. Quanto a mim, acrescento apenas que tal passo, não somente *não foi tomado*, mas *não poderia ter sido tomado* com os métodos preferidos pelos meus opo-

sitores. Tal argumento, porém, não envolve enunciados altamente complexos relativos a fatos, tendências e possibilidades físicas e históricas? Claro que sim. Observe-se, todavia, que, ao contrário do que Gellner supõe, não estou comprometido com afirmar-lhes a verdade. Meu objetivo não é estabelecer a verdade de certas proposições: é fazer com que meu adversário mude de idéia. É para esse fim que apresento a ele enunciados do tipo 'nenhuma teoria está jamais em concordância com todos os fatos conhecidos em seu domínio' (Feyerabend 1975, p. 55). Utilizo enunciados desse tipo porque suponho que meu adversário, sendo um racionalista, será afetado por eles sob uma forma previsível. Por exemplo, irá compará-los com aquilo que ele considera como evidência relevante, irá procurar registros de experimentos, etc. Combinada com a sua ideologia racionalista, essa atividade terminará por levá-lo a 'aceitá-los como verdadeiros' (essa é a maneira como *ele* descreverá a questão), fazendo, portanto, com que ele perceba que algumas de suas metodologias favoritas apresentam dificuldades.

Ora, não significa isso que estou, neste momento, fazendo suposições ainda mais amplas acerca das mentes das pessoas, da estrutura dos registros, das modificações que ocorrem nas primeiras quando confrontadas com os últimos? Certamente, mas essas suposições não fazem parte da minha argumentação com o leitor. Elas fazem parte de uma argumentação que exerci comigo mesmo e que concerne à eficiência da minha persuasão. A estrutura desse último discurso não tem o menor interesse para o racionalista que, afinal de contas, insiste sempre em separar o 'conteúdo objetivo' de um argumento da sua 'motivação'. Tudo o que ele *precisa* considerar, tudo o que lhe é *permitido* considerar é o modo como os enunciados que circundam os estudos de caso presentes no meu livro se relacionam uns com os outros e com o material histórico exposto e, ainda, se eles podem ser intepretados como um argumento na *sua* acepção de argumento. Admito que o êxito do meu procedimento se concretiza mediante a *manipulação* do racionalista. Observe-se, contudo, que eu o manipulo da maneira como ele *quer* ser manipulado e como ele constantemente manipula os *outros*. O que faço, com efeito, é fornecer-lhe um determinado material que, interpretado de acordo com o código racionalista, cria dificuldades para certas posições que ele próprio defende. Sou obrigado, *eu*, a interpretar o material como ele o faz? Sou obrigado, *eu*, a 'levá-lo a sério'? Claro que não, pois a motivação que está por trás de um argumento não lhe afeta a racionalidade, não estando sujeita, por conseguinte, a nenhuma restrição.

São igualmente inadequadas as sentenças (2) e (3) de Gellner, bem como as razões que, segundo ele, apresento em favor delas. Eu não aceitaria a expressão 'isso mostra' que figura em (2) (Gellner 1975, p. 65), pois sei muito bem que podemos 'melhorar tais metodologias' (p. 66); tampouco aceitaria a expressão 'todas', especialmente porque eu mesmo formulei explicitamente algumas sugestões metodológicas ^{1a} que acredito sen-

^{1a} Para o uso de hipóteses *ad hoc*, ver Feyerabend 1975, pp. 178 e 97; de uma pluralidade de teorias, p. 41; de contra-indução, capítulo 6; 'movimentos de retrocesso', p. 153; conexões com ideologias influentes, p. 193; ou com outras teorias refutadas, p. 142; uso de força política para fazer reviver teorias 'cientificamente insustentáveis', p. 50; pulando as dificuldades, apêndice 2 — e assim por diante. Cf. também a comparação que estabeleço, à p. 260, entre procedimentos lógicos e procedimentos metodológicos para a descoberta de regras metodológicas.

satas, tendo argumentado apenas contra métodos *universais* que fazem abstração tanto do conteúdo de uma teoria quanto do contexto do debate (Feyerabend 1975, p. 295, 'regras fixas e universais')². Além disso, jamais teria a presunção de *legislar* para os cientistas nem, aliás, para ninguém, ao contrário do que está implicado nas sentenças (5) e (6) de Gellner. Isso foi algo que fiz em artigos mais antigos, quando era mais jovem, mais ignorante, mais atrevido e bem mais presunçoso³. Nessa época, meus argumentos em favor da proliferação eram, de fato, destinados a mostrar que uma vida monística não vale a pena ser vivida, instando a todos a pensarem, sentirem e viverem em meio a uma competição de alternativas. Hoje em dia, no entanto, esses mesmos argumentos se apresentam com um *propósito* bem diferente em mente, levando a um *resultado* também bastante diferente⁴. Atualmente, os cientistas e racionalistas praticamente já conseguiram fazer com que as suas concepções se tornem a base da Democracia Ocidental. Embora com extrema má vontade, concedem que outras idéias possam ser *ouvidas*, não permitindo, porém, que elas desempenhem nenhum papel no planejamento e na concretização de instituições fundamentais como o direito, a educação e a economia. Os princípios democráticos tal como praticados hoje são incompatíveis, portanto, com a existência, o desenvolvimento e o crescimento tranqüilos de culturas particulares. Uma democracia racional-liberal não pode comportar uma cultura Hopi no sentido pleno da palavra. Não pode comportar uma cultura Negra no sentido pleno da palavra. Não pode comportar uma cultura Judaica no sentido pleno da palavra. Ela só pode comportar tais culturas a título de *enxertos secundários*, aplicados a uma estrutura básica constituída por uma pouco santa aliança da ciência e do racionalismo (e do capitalismo). Todas as tentativas de reviver tradições marginalizadas e eliminadas durante a expansão da cultura Ocidental, todas as tentativas de torná-las a base da existência de grupos específicos, chocam-se contra uma impenetrável muralha de palavras e preconceitos racionalistas. Procuo mostrar que não existem argumentos em apoio

² É irrelevante, portanto, a referência que Gellner faz às regras para a resolução de equações quadráticas (p.66). (O exemplo, aliás, é muito mais complexo do que ele parece supor.) Por outro lado, a introdução do que ele chama o seu 'próprio ponto de vista sobre a questão' mostra simplesmente que ele não compreendeu o meu: não há, com efeito, nenhuma diferença entre os dois.

³ Gellner comete uma injustiça com Popper ao vincular esses meus trabalhos anteriores, imaturos, com a epidemia de 'popperose' (p. 63). É certo que esses artigos manifestam um certo reconhecimento a Popper, mas trata-se antes de referências amistosas e não de enunciados históricos. (Aliás, neles também menciono minhas namoradas). É igualmente certo que alguns pontos soam bastante popperianos para alguém que só leu Popper, mas eles derivam, na realidade, de Mill, Mach, Boltzmann, Duhem e, acima de tudo, de Wittgenstein. É certo ainda que ocasionalmente caço de Popper em meu livro ('volto-me violentamente contra ele', diz Gellner - p. 63 - que parece incapaz de distinguir entre zombaria e agressão); isso foi feito, porém, com o objetivo exclusivo de provocar Lakatos (Feyerabend 1975, p. 8), que deveria responder ao livro e que estava excessivamente impressionado por Popper, e não em virtude das 'excessivas exigências de submissão e envolvimento impostas pelo mestre' (p. 63; 'mesure', francamente!).

⁴ A mudança se deve a uma conversa que ocorreu em 1965 no seminário do Professor von Weizsaecker, em Hamburgo. Nessa ocasião, o Professor Weizsaecker fez uma exposição detalhada da interpretação de Copenhagen, mostrando como se poderia aplicá-la a problemas específicos. Fiz observar que as teorias da variável oculta são necessárias para aumentar o conteúdo empírico da concepção ortodoxa, quando me dei conta, subitamente, de como tal atitude é infrutífera em face da pesquisa concreta.

dessa muralha e, ademais, que alguns princípios implícitos na própria ciência favorecem categoricamente a sua remoção⁵.

Não há nenhuma tentativa da minha parte em mostrar 'que é válida uma forma extrema de relativismo' (p.68), tampouco tento *justificar* 'a autonomia de qualquer inclinação de humor, qualquer capricho e qualquer indivíduo' (p.69); meu argumento é simplesmente que *o caminho que leva ao relativismo ainda não foi fechado pela razão*, de sorte que o racionalista não pode fazer nenhuma objeção a alguém que resolver segui-lo. É evidente que tenho grande *simpatia* por esse caminho e penso que é ele o caminho do crescimento e da liberdade, mas isso já é uma outra estória.

Mais especificamente, a situação é a seguinte. Não mostro que a proliferação *dever ser utilizada*, mostro apenas que o racionalista *não pode excluí-la*. Ora, esse ponto não é estabelecido sob forma meramente negativa, mostrando o colapso das objeções existentes, mas através de um argumento que deriva a proliferação a partir da própria ideologia do monista. O argumento tem duas partes, uma das quais baseada na ciência e a outra baseada na relação entre ideologias científicas e ideologias não científicas. O argumento com base na ciência afirma que a proliferação resulta da própria exigência, por parte do cientista, de um grande conteúdo empírico (Feyerabend 1975, pp. 41 e 47). Não aceito essa exigência, que nada mais é do que uma das maneiras, entre várias outras, de pôr ordem nas nossas crenças (*ibid.*, p. 204), e, por essa razão, não argumento em favor das suas implicações. O que afirmo é que os cientistas que são favoráveis a um alto conteúdo empírico estão igualmente comprometidos com a proliferação, não podendo, portanto, rejeitá-la⁶. Já o argumento que se baseia na existência de ideolo-

⁵ Gellner afirma que as conseqüências sociais do racionalismo (ou do irracionalismo) são tangenciais (p.72) em relação aos meus interesses principais. Ora, *a verdade é justamente o contrário*. Para mim, a democracia, o direito que têm as pessoas de organizarem as próprias vidas como melhor lhes parece, vem em primeiro lugar; a 'racionalidade', a 'verdade' e todas as demais invenções dos nossos intelectuais vêm em segundo lugar. É essa, aliás, a principal razão que me leva preferir Mill a Popper e que faz com que só tenha desprezo pela modestia fingida dos nossos racionalistas críticos, que se arrebatam na preocupação pela 'liberdade' ou por uma 'Sociedade Aberta', mas que sempre começam a erigir obstáculos quando as pessoas querem viver segundo as tradições dos seus antepassados.

⁶ Afirmo expressamente que 'a minha intenção não é substituir um conjunto de regras gerais por outro conjunto do mesmo tipo; minha intenção é, antes, convencer o leitor de que *todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm suas limitações*' (Feyerabend 1975, p. 32; os itálicos estão no original); mas isso não impede Gellner de apresentar a 'proliferação inútil de pontos de vista' (p.73) como uma doutrina *positiva* que eu defendo, nem de explicar passagens recalcantrantes seja invocando uma oculta incoerência de minha parte, seja invocando a minha *histrionice* (p.70). À primeira vista, isso parece mostrar que Gellner trouxe uma contribuição interessante à arte da argumentação retórica. Suponhamos que você deva resenhar um livro a maior parte do qual está acima da sua compreensão (p. 65). Você se concentra, então, no 'restante do livro' (p. 65), diz que ele 'apresenta um certo interesse' (p. 65), passando a tirar daí uma série de teses. Ao mesmo tempo, você apresenta as teses numa forma sistemática, dispondo-as numa 'espinha dorsal' (p.64) e acrescentando argumentos a fim de mostrar que o seu procedimento é justo e racional. Se os argumentos ou as teses entram em contradição com enunciados que se encontram no livro, você passa a acusar o autor de incoerência. Se o autor não é um acadêmico quadrado como você gosta, fazendo uma brincadeira de vez em quando; você também poderá explicar esse conflito pela sua 'histrionice'. Assim, você poderá ao mesmo tempo guardar o pudim – você não é obrigado afinal, a compreender tudo o que lê – e comê-lo – você pode escrever uma resenha vigorosa, decisiva e mordaz. Infelizmente, Gellner tem apenas uma vaga consciência do que está fazendo. Na maioria das vezes, ele pensa estar produzindo uma autêntica crítica racional (*passim*). Não se pode portanto, elogiá-lo pela sua argúcia retórica; ficamos reduzidos a constatar a sua total incapacidade de compreender aquilo que lê.

gias incomensuráveis diz (a) que a comparação entre elas não envolve conteúdo, não podendo, por conseguinte, realizar-se em termos de verdade *versus* falsidade, exceto de um ponto de vista retórico (capítulo 17) ⁷, e (b) que toda ideologia possui métodos próprios e que a avaliação comparativa dos métodos ainda nem sequer foi iniciada. Tudo o que temos é a crença dogmática na excelência dos 'métodos da ciência' (embora cada um alimente idéias diferentes acerca do que sejam tais métodos). Ora, (c) concepções e métodos não-científicos, longe de serem fracassos completos, levaram a surpreendentes descobertas no passado, freqüentemente são melhores do que as concepções científicas correspondentes e apresentam melhores resultados (cf. Feyerabend 1975, pp. 49 segs.) ⁸. Tomando todos esses argumentos em conjunto, concluo que, uma pessoa que deseja introduzir concepções, métodos ou formas de vida inusitadas ou que deseja reviver tais concepções, métodos ou formas de vida, *não está obrigada a hesitar* em fazê-lo, pois a razão ainda não conseguiu apresentar quaisquer obstáculos ao caminho desejado, a razão científica, ao contrário, instando-a até a aumentar o número de alternativas. Os únicos obstáculos que encontrará são o preconceito e a presunção.

Continuemos um pouco mais com esse problema da proliferação a fim de flagrar Gellner como resenhador em ação. Já vimos que Gellner julga erroneamente o *papel* que a proliferação desempenha nos meus argumentos. Ora, ele tampouco compreende as suas *conseqüências*. Ele me repreende asperamente pela 'oportuna admissão' (p.73) de que não se pode ter tecnologia sem cientistas.

Para começo de conversa, não há, de minha parte, nenhuma admissão desse gênero. Dirijo-me a pessoas temerosas de que a separação entre o estado e a ciência leve a um colapso da saúde, dos transportes públicos, do rádio, da TV, e assim por diante, porque — e esta é a razão *dessas* pessoas, não a minha — não pode existir tecnologia sem cientistas (Feyerabend 1975, p. 299). Na tentativa de acalmar esse temor, eu poderia, seja negar a razão invocada, isto é, poderia argumentar que a tecnologia, para ser bem sucedida, não requer sociedades fechadas formadas por especialistas altamente qualificados — e isso eu faço na página 307, embora de maneira um tanto sumária —, seja dar uma

⁷ Não é correto, portanto, dizer que a minha concepção implica em que 'praticamente qualquer coisa pode conter alguma verdade' (p. 67-8). A afirmação de Gellner de que 'as teorias epistemológicas . . . nos dão algumas idéias sobre como escolher entre estilos globais de pensamento' (p. 68) tampouco resolve a charada, pois todo 'estilo de pensamento' que se respeita possuirá, é claro a sua própria epistemologia (cf. Feyerabend 1975, p. 246). No entanto, o princípio segundo o qual 'uma cultura que submete o seu capital cognitivo a testes realizados por árbitros *que não estão sob o seu próprio controle*' é superior a uma cultura 'que não o faz' (p. 68): é um princípio que obrigaria a preferir culturas com oráculos a culturas com experimentos científicos, pois essas últimas estão, em geral, sob um controle muito mais estrito do que as primeiras.

⁸ Gellner declara-se 'cético a respeito desse feito realmente assombroso' (p. 76), o que é compreensível, já que ele desconhece a literatura pertinente. O que ele sabe é que a maioria dos seus leitores compartilha do seu ceticismo e que eles se impressionam com a reafirmação desse ceticismo. Se Gellner também soubesse que eles são céticos porque são tão analfabetos quanto ele, poderíamos, então, congratulá-lo pelo uso elegante que faz de um ótimo princípio retórico: se o seu adversário supõe coisas que os seus leitores provavelmente desconhecem por completo, marque um ponto agindo como se essas questões não existissem e como se o adversário estivesse falando no ar. Gellner, todavia, está convencido de que está completamente informado, o que significa: não estamos tratando com sofisticação retórica, mas com ignorância pura e simples.

resposta que deixa intacta essa razão —, e é o que faço na página 299. Supondo que meu leitor seja capaz de seguir um argumento sem que seja necessário lembrá-lo, a cada passo, das suas pressuposições, enuncio lado a lado, como num diálogo, a concepção do meu adversário e as minhas próprias posições, sem, no entanto, tornar explícitas as partes em disputa. A página 299, por exemplo, significa: *Adversário*: mas uma separação entre o estado e a ciência não levará a um colapso da tecnologia? *Eu*: você parece pensar que a tecnologia é impossível sem os especialistas; embora a afirmação me pareça um tanto contestável, vamos admiti-la. Nesse caso, você deve perceber que sempre haverá pessoas que preferem ser cientistas . . . , e assim por diante. Gellner mistura a tese do adversário e a minha própria resposta, transforma essa mescla heteróclita numa concepção única, atribui-a a mim, analisa-a e triunfantemente desmascara a sua incoerência. Ora, visto que ele começa por confundir uns com os outros diferentes contextos sempre que o argumento se torna um pouco complicado, Gellner passa agora a contar com um outro método, de extrema eficácia, para descobrir inconsistências em meu livro. Ora, o 'enredo' (p. 70) que ele desvenda por esses meios não passa de um reflexo dos seus próprios hábitos primários de leitura: Gellner é capaz de compreender a sentença 'o gato comeu o rato'; também ainda é capaz, embora com certo esforço, de compreender 'Zé diz que o gato comeu o rato'; mas a sentença 'o gato comeu o rato — você acredita realmente nisso? Eu não' mostra para ele que o autor da frase está ao mesmo tempo dizendo que o gato comeu e não comeu o rato, defendendo, portanto, a incoerência. É essa a terceira 'contribuição' de Gellner à arte da argumentação retórica⁹.

Em segundo lugar, a 'oportuna admissão' não se opõe à idéia de proliferação. A proliferação não significa que as pessoas não podem ter opiniões bem definidas e até dogmáticas; significa que a pesquisa consiste em contrapor várias opiniões umas contra as outras em lugar de seguir uma única opinião até o amargo fim. A proliferação, por conseguinte, não implica logicamente na *exclusão* dos cientistas nem em que enunciados do tipo 'precisamos de cientistas' ou 'Lisenko fracassou' (p. 75) sejam *proscritos* do domínio do debate; ela significa que enunciados que os negam ou que os ridicularizam são *admitidos* e até bem-vindos, na esperança de que uma contraposição desse gênero será vantajosa.

A situação é exatamente a mesma no que se refere ao Liberalismo. Gellner me censura asperamente por eu explicar a diferença entre Popper e Mill mediante referência

⁹ Um exemplo típico: na página 21, nota 12, defendo o pacifismo do dadaísta e, ao mesmo tempo, afirmo ser contra a violência. Na página 187, afirmo que o anarquismo *político* ou *escatológico* considera a violência como necessária. Gellner (p. 74) funde as duas passagens numa só e declara que eu 'misturo incoerentemente' (bonitas palavras!) a 'mística da violência' com uma 'postura pacifista de não-fazer-mal-a-uma-mosca', a qual se combina, por sua vez, com um 'parasitismo cognitivo/productivo'. Belo rugido, gatinho — mas você não acha que deveria ter lido o texto com um pouco mais de cuidado ou pedir a alguém que o explicasse para você caso não saiba ler? O texto diz que a violência é necessária *segundo o anarquismo político*, acrescentando, ao mesmo tempo, que o anarquismo político é uma doutrina que eu repudio. A primeira sentença do livro, aliás, já afirma que o anarquismo político 'não é a filosofia política mais atraente' (p. 17) e, na página 189, mais uma vez distingo as minhas próprias posições do anarquismo político, exatamente para ficar a salvo. Pura perda de tempo.

ao puritanismo do primeiro. 'Meu próprio liberalismo', diz ele com orgulho (p.63), 'vai ao ponto de afirmar que nem mesmo os puritanos estão excluídos da verdade'. Ora, mas eu não disse que estão. Disse apenas que o liberalismo de Popper é diferente do de Mill e que o Puritanismo é uma explicação dessa diferença (uma outra explicação é que Popper jamais se defrontou com uma situação que o obrigasse a revisar toda a sua filosofia, sendo talvez até incapaz de reconhecer uma situação desse tipo). Além disso, ninguém passa a ser anti-liberal simplesmente por negar que um puritano tenha a verdade. O liberalismo, como Gellner deveria saber, é uma doutrina acerca de *instituições* e não acerca de *crenças individuais*. Ele não regula crenças individuais: ele diz que nada pode ser excluído do debate. Um liberal não é um fantasma hipócrita e insípido que compreende tudo e a tudo perdoa; trata-se, pelo contrário, de um homem ou de uma mulher que, às vezes, sustenta crenças bem firmes e até dogmáticas, entre elas a crença em que as idéias não devem ser eliminadas por meios institucionais. Assim, o fato de ser um liberal não me obriga a admitir que os puritanos têm alguma chance de descobrir a verdade. Tudo que estou obrigado a fazer é deixá-los falar, sem impedi-los através de meios institucionais. É claro, no entanto, que tenho todo o direito de escrever panfletos contra eles e de ridicularizá-los por suas bizarras crenças.

Há, finalmente, a observação de Gellner sobre a 'proliferação inútil' (p. 73). Está mais do que óbvio que a proliferação não lhe agrada ao paladar. Mas por que nem uma só palavra sobre os argumentos expostos nos capítulos 3 e 4, em que se mostra que e como a proliferação pode aumentar o conteúdo? (Por que nem uma única palavra sobre os excelentes argumentos de Mill em favor da proliferação que encontramos no seu ensaio *On Liberty*?) Gellner considerou irrelevantes os argumentos? Detectou-lhes vícios? Ou talvez o problema é que argumentos com mais de duas linhas ultrapassem a sua capacidade de atenção? As suas observações sobre a minha 'oportuna admissão', que já comentei, sugerem essa última interpretação. Mais uma vez, descobrimos que é o analfabetismo a força motriz que se encontra por trás das observações de Gellner.

Em suma, embora seja pessoalmente a favor de uma pluralidade de idéias, métodos e formas de vida, não procurei *sustentar* essa crença mediante argumentos. Meus argumentos são, antes, de tipo negativo, mostrando que a razão e a ciência *não podem excluir* tal pluralidade. Nem a razão nem a ciência são suficientemente fortes para impor restrições à democracia, nem para impedir que as pessoas nela introduzam as tradições que mais prezem. (Um outro resultado dos meus argumentos é que os racionalistas ainda não conseguiram derrotar o ceticismo — todas as opiniões são *igualmente boas* — nem a sua extensão natural — *qualquer avaliação de teorias e de formas de vida é aceitável* (cf. Feyerabend 1975, p. 189).¹⁰

¹⁰ Gellner atribui tal extensão ao meu 'temperamento exuberante' (p. 67), quando, na verdade, trata-se do resultado de uma aplicação do método do cético (contrabalançar qualquer juízo com o juízo oposto) ao seu próprio princípio fundamental (todas as opiniões são igualmente boas). Nesse ponto, como em tantos outros, Gellner se apressa em explicar as posições recorrendo à psicologia, ao passo que, na realidade, elas resultaram de argumentos.

(ii) Os racionalistas não podem excluir racionalmente da estrutura básica da democracia o mito e as velhas tradições. Apesar disso, contudo, eles de fato os expulsam, utilizando sofismas, táticas de pressão, pronunciamentos dogmáticos, muitos dos quais considerados como argumentos e, mais, que os racionalistas *apresentam* sob a forma de argumentos. Esse pseudo-raciocínio pode ser desmascarado através de uma análise especializada ou, então, levado ao ridículo. Prefiro esse segundo caminho, em parte porque forneci argumentos quando eram necessários e em parte porque não conseguia me ver a mim mesmo desmontando solenemente esses risíveis produtos da arrogância e da pomposidade. Gellner não gosta do meu modo de proceder nem compreende a sua função. Ele pensa que eu o emprego como um 'jogo de fugir-da-crítica' (p. 71), quando, na realidade, o que faço é aplicá-lo num domínio em que o adversário esbraveja, bufa e esperneia, mas não mais está engajado num debate racional. Tendo decidido desdenhar 'as extensas partes (do meu livro) que defendem esse ponto de vista' (p.65), Gellner não tinha mais nenhuma orientação quando penetrou no domínio em questão; perdido como qualquer outro, ele não descobriu os limites do domínio, desconsertando-se, então, (o que é muito natural) com algo que acredita ser um tratamento injusto e irracional de pessoas 'que, de boa fé, levantam questões acerca do conhecimento' (p. 76). O problema, contudo, é que essa 'boa fé' é uma fé em princípios que estão muito distantes do alcance de qualquer argumentação, sendo aceitos exclusivamente por força dos pronunciamentos dos racionalistas; o problema é que se trata de uma fé em certos princípios que pertencem à teologia do racionalismo.

Gellner também faz objeções ao uso da ridicularização e da frivolidade. 'Encorajadas pelo espírito dos tempos', escreve ele (p.65), 'permitiu-se que ambas se intrometessem entre as capas do livro'. 'Permitiu-se que se intrometessem': isso significa que a ridicularização e a frivolidade *estão* presentes no livro, mas *não deveriam* estar. Mas por que não? Presumivelmente, porque não deveriam figurar em livros de um determinado tipo, não devendo aparecer, por exemplo, em livros acadêmicos.

Ora, em primeiro lugar, que passarinho contou ao Professor Gellner que pretendi escrever um tratado acadêmico? Em minha dedicatória, deixei bem claro que meu livro foi concebido como uma *carta* (Feyerabend 1975, p. 7) a Lakatos e que seu estilo mesmo seria o de uma carta. (Além disso, não sou um acadêmico ou especialista nem tenho a menor vontade de ser ¹¹.)

Em segundo lugar, por que razão os livros especializados ou acadêmicos deveriam ser necessariamente secos, impessoais e sem nenhuma frivolidade ^{11a}? Os grandes au-

¹¹ Gellner diz que a história e a filosofia da ciência são 'área(s) da (minha) competência profissional' (p.65). Ora, não são, como qualquer historiador e filósofo da ciência teria o maior prazer em confirmar. Aliás, como é que *ele* poderia saber?

^{11a} Como Gellner, Rom Harré (*Mind*, 1977) também se refere à 'deslocada tendência pessoal' do meu livro. 'Deslocada'? Isso supõe que *Against Method* não é lugar em que deva figurar uma 'tendência pessoal'. Ora, *Against Method* não é um livro acadêmico ou erudito; trata-se de um panfleto, de uma carta a um amigo meu que sabia apreciar um debate caloroso e que iria respondê-la no mesmo tom. Por outro lado, no que concerne à acusação de 'tendência pessoal', ela significa apenas que eu não endosso a tendência do próprio Harré a não poupar elogios a obscuros luminares de uma profissão moribunda e, ademais, de escrever num estilo impessoal e anêmico. (Cf. também a nota 1 do capítulo 1.)

tores do século dezoito, Hume, Dr. Johnson, Voltaire, Lessing, Diderot, que introduziram idéias novas, novos padrões, maneiras novas de exprimir pensamentos e sentimentos, escreviam num estilo jovial e vigoroso, chamavam um queijo de queijo, um bobo de bobo e um impostor de impostor. Os debates acadêmicos e especializados permaneciam ainda extremamente vivos no século dezenove, quando o número de insultos rivalizava às vezes com o número de notas de rodapé. Os dicionários de línguas abstrusas (Latim Medieval/Inglês, Sânscrito/Inglês, por exemplo) empregavam equivalentes fortes e as introduções às edições mais importantes estavam cheias de insinuações ambíguas.

Gradativamente, passou-se então a adotar um tom mais moderado, as pessoas tornaram-se mais solenes, passando a olhar com maus olhos as amenidades e as notas pessoais, comportando-se como se desempenhassem papéis num drama bizarro e altamente formalizado. A linguagem passou a tornar-se tão incolor e tão anônima quanto o termo executivo que agora é usado por todos, pelo acadêmico, pelo homem de negócios e pelo assassino profissional. Habitado a um estilo seco e impessoal, o leitor perturba-se com qualquer desvio dessa regra lúgubre, vendo nisso um sinal evidente de arrogância e de agressão. Encarando a autoridade com reverência quase religiosa, fica frenético quando vê alguém puxar a barba do seu profeta favorito. Esse, meu caro Professor Gellner, é o verdadeiro 'espírito dos tempos', e não a tentativa de uns poucos *outsiders* de restaurar modos de escrever mais antigos e menos formalizados. Ignoro como se produziu essa mudança, embora suspeite de que os 'grandes homens' de hoje, obscuramente conscientes da sua minúscula estatura, encoragem maneiras de escrever igualmente insípidas, de sorte que assim ainda possam, por contraste, aparentar possuírem alguns sinais de vida. Não vejo nenhuma vantagem nesse procedimento nem por que razão deva aceitá-lo como um *fait accompli*.

Passemos, agora, a um exame rápido da explicação que Gellner tem para a minha dissidência.

(iii) Segundo Gellner, eu 'misturo incoerentemente' uma 'mística da violência' com 'uma postura pacifista de não-fazer-mal-a-uma-mosca', adicionando a isso um 'parasitismo cognitivo/produtivo' (p. 74).

Já vimos de onde e como surge a primeira parte desse ataque. Gellner 'mistura' passagens que exprimem minhas próprias posições com trechos que descrevem concepções de outros. A incoerência está na sua leitura, não no meu texto. A segunda parte do ataque consistiu em um enigma para mim, e só consigo explicá-la através de certas tendências científicas por parte de Gellner ou então através de uma surpreendente e divertida incapacidade de ler. Na página 300 do meu livro, citada por Gellner (embora de maneira incompleta), afirmo que os cientistas podem ter algumas idéias e engenhos interessantes a oferecer, sustento que devemos dar atenção às suas idéias e usar os seus engenhos, sem permitir, contudo, que eles construam a sociedade à sua própria imagem, sem permitir-lhes, por exemplo, que se tornem senhores da educação: deveria haver uma separação entre estado e ciência exatamente como existe hoje uma separa-

ção entre estado e igreja. A razão para a separação é muito simples: toda profissão tem uma ideologia e um impulso para o poder que vai muito além das suas realizações; é tarefa da democracia manter sob controle tal ideologia e tal impulso. Sob esse aspecto, a ciência não difere em nada de outras instituições, como se pode constatar a partir da atitude da medicina oficial em relação a certas idéias inusitadas que não passaram pelos seus próprios canais (observe-se, a propósito, que jamais se examinou, no passado, a eficácia comparativa desses canais e que as pesquisas que estão sendo realizadas hoje em dia têm revelado defeitos espantosos). Chamar um procedimento como esse de 'parasitismo cognitivo' é tão sensato quanto chamar de parasitas a todos aqueles astrônomos que ainda consultam antigos registros, embora sem endossar a teologia que exerceu um papel essencial na sua construção e na sua interpretação. Por outro lado, no que se refere à face 'produtiva' desse 'parasitismo', devo apenas repetir que os cientistas serão, é claro, amplamente recompensados pelos seus serviços¹² — e isso é bem mais do que se concede ao contribuinte, de quem se espera financie a pesquisa científica sem, contudo, ter nenhuma garantia de que as suas necessidades serão levadas em conta¹³

¹² Gellner omite da sua citação a passagem que descreve as recompensas em questão, o que mostra que o seu grau de alfabetização varia de um lugar para outro. Algumas vezes, ele simplesmente não entende uma só palavra do que lê. Em outras ocasiões, contudo, ele compreende muito bem, mas, nesse caso, altera o texto: ou ele é analfabeto ou é um mentiroso.

¹³ A acusação de parasitismo cognitivo/produtivo inverte, na verdade, a situação real. O que é um parasita? Um parasita é um homem ou uma mulher que tira alguma coisa de nada. Ora, muitos cientistas e intelectuais, hoje em dia, são parasitas exatamente nesse sentido. Eles ganham alguma coisa — ótimos salários, caríssimos brinquedos — em troca de nada. Não devemos esquecer, com efeito, que só uma pequena fração da pesquisa e do ensino desenvolvidos nas universidades públicas ou em outras instituições financiadas pelos impostos, como a *National Science Foundation*, beneficia a comunidade em geral ou sequer pretende produzir tais benefícios. Mesmo a pesquisa que parece eminentemente prática é conduzida de tal modo que diminui a chance de obter resultados práticos rápidos: os pesquisadores deixam de explorar certos procedimentos que, embora bem sucedidos, são teoricamente opacos, preferindo uma abordagem que produza 'compreensão', compreensão essa cujos critérios são definidos pelos próprios pesquisadores; um exemplo é o que ocorre na pesquisa do câncer. Procedimentos alternativos são recusados sem nenhum exame, não porque sejam defeituosos ou falhos, mas porque entram em conflito com as crenças — também não examinadas — da seita à qual pertence o pesquisador. Essa atitude assume conseqüências deploráveis no campo da educação. Tradições valiosas são eliminadas, as vidas das pessoas se empobrecem, não porque as tradições se revelaram inadequadas, mas por estarem em desacordo com os pressupostos fundamentais da ciência e porque os cientistas, hoje em dia, têm o poder de impor a sua própria ideologia a praticamente todo o mundo. Assim, os cientistas e os intelectuais não são somente parasitas do bolso, são também parasitas do espírito, e eles prosseguirão em seu caminho a menos que a democracia seja capaz de colocá-los nos seus devidos lugares. Tenho uma sugestão a fazer aqui. Sugiro que se examine cuidadosamente o modo como os cientistas usam o dinheiro público, bem como as doutrinas que eles impõem aos jovens. Sugiro também que as pesquisas promissoras sejam adequadamente recompensadas — mas que a ideologia subjacente não se torne automaticamente parte da educação básica (a ideologia dos carcereiros pode ser excelente para manter os prisioneiros em seus lugares, mas é bem possível que seja totalmente inapropriada para servir de base a uma educação geral). É desnecessário dizer que recebo com alegria a emenda Baumann, que recomenda poder de veto por parte do Congresso sobre as 14.000 subvenções, aproximadamente, que a *National Science Foundation* concede anualmente. Trata-se de um passo ainda muito pequeno, mas, enfim, é um passo na direção certa. Os cientistas foram tomados de indignação quando a emenda foi aprovada pelo Congresso e o diretor da *National Academy* fez sombrias referências a tendências totalitárias. Esse cavalheiro tão educado e bem pago parece ignorar que totalitarismo significa o controle e orientação de muitos por uns poucos e que a emenda Baumann vai justamente na di-

Tendo enunciado a sua própria versão das minhas concepções, Gellner, a seguir, passa a classificá-las. Qual é o procedimento que adota para tanto? Ouvi falar que estou atualmente em Berkeley e que algumas pessoas em Berkeley, há algum tempo atrás, pregavam a paz, embora atraídas pela violência. 'Juntando dois e dois', Gellner qualifica as minhas 'doutrinas sobre a violência' (que, como já vimos, são doutrinas que eu descrevo e rejeito) de 'californianas', qualificação que dificilmente será do agrado de Ronald Reagan e dos seus inúmeros seguidores espalhados por todo o estado da Califórnia, desde Los Angeles, passando por Orange County, até as alturas do Lago Goose, além de ser injusta com os vários revolucionários decentes e honestos que surgiram na *London School of Economics*.

A seguir, Gellner lembra que eu nasci em Viena e ele também alimenta a idéia, certamente tirada de algum filme americano, de que os vienenses gostam de levar uma vida descansada. Mais uma vez 'juntando dois e dois', Gellner diz que algumas das minhas sugestões são 'tipicamente vienenses' (p. 64), o que é tão sensato quanto chamar o dogmatismo de Popper de 'arrogância papista' sob o pretexto de Popper ser de Viena e de Viena estar cheia de católicos. Eu me pergunto às vezes se Gellner levou realmente a sério essas explicações ou, ao contrário, se não são antes tentativas de fazer retórica quando a razão lhe falha. Um retórico saberia, é claro, que a invectiva só tem êxito se seus principais elementos estiverem baseados em fatos e se ela não atentar contra a inteligência do leitor. Tudo depende, portanto, de para quem Gellner escreveu a sua resenha. Ouvi dizer que vários colegas seus da *London School of Economics* ficaram contentíssimos com ela; ao que parece, Gellner avaliou corretamente o nível de inteligência desses colegas. Para os leitores mais críticos, entretanto, a resenha constitui apenas um exemplo a mais do fato de que os intelectuais permanecem racionalistas (ou racionalistas 'críticos') exclusivamente enquanto lhes convém.

Isso me leva ao último ponto da minha resposta, a saber, a tentativa de Gellner de defender Lakatos. Lakatos, diz Gellner, 'observava os mais altos padrões de rigor, lucidez e responsabilidade', tanto nos 'seus escritos como [nas suas] aulas' (p. 62). Pobre Imre! Se alguma coisa é certa é que os padrões de Lakatos eram bem diferentes dos de Gellner. Lakatos não era em absoluto avesso a artimanhas, frivolidades e ridicularizações em suas aulas, e jamais desceu à *tierischer Ernst* que caracteriza a atitude básica de Gellner, apesar de todos os seus esforços em conseguir alguma leveza e leviandade. Mesmo nos seus escritos, Lakatos mais de uma vez abandonou o caminho da argumentação racional para desferir um golpe certeiro em seu adversário. Por outro lado, Lakatos certamente sabia ler, não vendo nenhum interesse nos tipos de explicação que acabei de examinar e que se encontram não somente nesta resenha de Gellner, mas em todos os seus trabalhos.

reção oposta. A emenda sugere que se examine o que uns poucos estão fazendo com os milhões do dinheiro público que são postos à sua disposição na esperança de que o público terminará eventualmente por beneficiar-se dessa generosidade. Considerando-se o chauvinismo narcisista da ciência, tal exame parece ser mais do que razoável. É preciso ser sociólogo para descrever tal procedimento como 'parasitismo cognitivo/produtivo'; mas é fácil compreender por que Gellner reage desse modo: a realização do meu plano significa o fim de uma vida mansa para ele.

Não havia nenhuma necessidade, além disso, de acautelar o leitor quanto à minha dedicatória (p. 62). Imre Lakatos, a quem pedi permissão expressa, aceitou-a alegre e divertido; ele sabia tratar-se de uma referência brincalhona ao capítulo 16 do meu livro que aborda as suas concepções, e ele planejava escrever a sua resposta. Estou certo de que essa resposta não se teria resumido na mera declaração de que 'a afirmação de que a posição de Lakatos configurava um 'anarquismo disfarçado' é totalmente infundada' (p. 63), pois Lakatos dedicara bastante atenção aos meus argumentos, acreditando que eu havia apresentado sólidas razões em favor dessa afirmação.

Leia-se o livro como bem se quiser, o fato é que o elogio de Lakatos por Gellner e as suas tentativas de defendê-lo de mim constituem um insulto imerecido à memória de um grande *scholar* e um maravilhoso ser humano.

Tradução sob a responsabilidade de

BALTHAZAR BARBOSA FILHO